

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Este artigo investiga as interações digitais de homens gays no aplicativo Grindr, relacionando-as à adultização precoce e às experiências de infância queer. Com abordagem interdisciplinar, a pesquisa articula dados empíricos — incluindo análises de perfis e mensagens no Grindr, bem como testemunhos da plataforma "Quebrar o Silêncio" — com uma base teórica que abrange autores como Piaget, Freud, Foucault, Butler e Sedgwick. Discute-se como a sexualidade infantil, frequentemente silenciada, influencia profundamente a formação psíquica e afetiva de sujeitos LGBTQIAP+. A partir de um breve comentário da obra literária *Criança Viada* (2021), o texto problematiza as normas heteronormativas que regulam a infância e examina como os ambientes digitais contemporâneos reproduzem discursos de poder, exclusão e fetichização do corpo masculino. A pesquisa propõe a educação sexual inclusiva e crítica como ferramenta essencial para romper com os ciclos de violência, repressão e homofobia internalizada.

PALAVRAS-CHAVES

Infância; Sexualidade infantil; Grindr; Performatividade de gênero; Criança *queer*.

ABSTRACT

This article explores the digital interactions of gay men on the Grindr app, linking them to early adultization and queer childhood experiences. Using an interdisciplinary approach, the research combines empirical data — including profile analyses and message content from Grindr, as well as testimonies from the "Quebrar o Silêncio" platform — with a theoretical framework grounded in the works of Piaget, Freud, Foucault, Butler, and Sedgwick. It addresses how the silencing of childhood sexuality significantly impacts the psychological and emotional development of LGBTQIAP+ individuals. Through the analysis of the literary work *Criança Viada*, the article critiques heteronormative structures that regulate childhood and investigates how contemporary digital platforms reproduce discourses of power, exclusion, and the fetishization of male bodies. The study advocates for inclusive and critical sexual education as a vital tool to break cycles of violence, repression, and internalized homophobia.

KEYWORDS

Childhood; Childhood sexuality; Grindr; Gender performativity; Queer child.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, interdisciplinar e exploratória, sustentada pelo método quadripolar, que integra os seguintes polos: epistemológico, teórico, técnico e morfológico. A escolha por essa metodologia se justifica pela complexidade do objeto de estudo — as interações digitais de homens gays e suas relações com experiências de infância queer — exigindo uma análise que articule dados empíricos, teóricos e simbólicos.

1.1. Procedimentos de coleta e análise

A pesquisa baseia-se em múltiplas fontes de dados:

- **Análise de conteúdo e discurso** de perfis e interações na plataforma Grindr, aplicativo de relacionamento voltado para homens que fazem sexo com homens (HSH). A coleta foi realizada por meio de observação participante, com registros etnográficos e capturas de tela, respeitando o anonimato dos usuários.
- **Depoimentos públicos** disponíveis na plataforma portuguesa *Quebrar o Silêncio*, que acolhe e divulga relatos de homens e rapazes sobreviventes de violência sexual. Esses testemunhos foram tratados como dados qualitativos para compreensão dos impactos da repressão sexual infantil nas vivências adultas.
- **Discussões e rodas de conversa** realizadas durante o lançamento e circulação da obra literária *Criança Viada* (Ribeiro, 2021), que reúne crônicas e depoimentos de adultos que se reconhecem como tendo sido "crianças viadas". Nessas rodas, temáticas como masculinidade, sexualidade infantil, violência e expressão de gênero foram exploradas com coletivos LGBTQIA+ e educadores.
- **A obra *Criança Viada*** é, também, utilizada como fonte primária. Escrita a partir de uma pesquisa de conclusão de curso em Jornalismo, a obra reúne narrativas auto-etnográficas além de entrevistas de profundidade com dez homens gays sobre suas infâncias, funcionando como base para reflexões teóricas e análise de memória discursiva.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1.2. Ética e limitações

Embora parte dos dados tenha sido extraída de ambientes digitais públicos e sem identificação direta dos sujeitos, a pesquisa respeitou os princípios éticos da confidencialidade, do anonimato e da não exposição de informações sensíveis. No caso dos testemunhos disponíveis na plataforma *Quebrar o Silêncio*, foram utilizados apenas trechos já publicados com autorização dos autores. As imagens de perfis do Grindr foram anonimizadas e usadas com fins exclusivamente analíticos, sem fins comerciais. Reconhece-se como limitação a impossibilidade de verificação da veracidade dos perfis e relatos no ambiente digital, bem como os limites éticos para uma etnografia mais imersiva nesse tipo de plataforma.

2. Introdução

A infância, enquanto construção social e histórica, tem sido moldada por normas culturais, religiosas e ideológicas que atribuem significados específicos ao desenvolvimento infantil em diferentes contextos. Na contemporaneidade, marcada pela digitalização das relações e pela superexposição dos indivíduos nas redes sociais, questões como sexualidade, gênero e identidade emergem de forma cada vez mais precoce, ainda que cercadas por tabus, silêncios e repressões, sobretudo quando dizem respeito a crianças que fogem aos padrões normativos de masculinidade.

Neste cenário, a figura da "criança viada" — expressão popular ressignificada por movimentos LGBTQIA+ — torna-se um ponto de partida para refletir sobre os mecanismos de regulação dos corpos e desejos desde a infância, bem como sobre os efeitos psíquicos e sociais da negação da sexualidade infantil. A obra *Criança Viada* (Ribeiro, 2021), composta por crônicas a partir de relatos autobiográficos, constitui aqui uma fonte relevante para o entendimento dessas experiências, que muitas vezes se conectam a violências simbólicas, abusos e processos de adultização precoce.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Além disso, ao observar a dinâmica de interação na plataforma digital Grindr — aplicativo voltado para homens que fazem sexo com homens (HSH) —, esta pesquisa busca compreender de que forma traumas infantis, modelos de masculinidade hegemônica e discursos de poder e exclusão se manifestam nas formas de expressão do desejo nas relações homoafetivas digitais. O aplicativo é analisado como esse espaço simbólico onde essas experiências se reencontram e se reconfiguram na vida adulta, revelando padrões de subjetivação construídos desde a infância e igualmente promovidos pela plataforma.

Com base em uma abordagem interdisciplinar, ancorada em autores como Freud, Piaget, Foucault, Butler e Sedgwick, este estudo propõe analisar as relações entre infância queer, sexualidade, plataformas digitais e performatividade de gênero, refletindo sobre os impactos da ausência de uma educação sexual crítica, inclusiva e emancipadora. O objetivo é contribuir para a compreensão das formas como a repressão e a violência simbólica na infância reverberam nos modos de ser, amar e desejar na idade adulta — especialmente entre homens gays — e propor caminhos de reflexão sobre a importância do debate público e pedagógico em torno da sexualidade infantil.

3. É Sempre Recreio: Questões Introdutórias para a Conceituação do Objeto ‘Criança Viada’ e suas Conexões com o Mundo (Mal)Feito

Philippe Ariès, ao estudar a iconografia europeia do período que se estende da Idade Média à modernidade, especialmente na França, demonstrou que a infância não é uma categoria natural ou universal, mas sim uma construção histórica. Seus estudos indicam que, nas sociedades medievais, não havia um reconhecimento da infância como uma fase distinta da vida. A criança era vista como um “adulto em miniatura”, compartilhando dos mesmos espaços, roupas, atividades e responsabilidades dos adultos. Como observa o autor: “a sociedade medieval não sentia a infância como uma idade particular, com características próprias”, sendo esta uma fase negligenciada ou simplesmente ignorada por carecer de entendimentos mais específicos que as caracterizassem como tal (ARIÈS, 1986, p. 14).

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Nesse contexto, a vida cotidiana apresentava pouca diferenciação entre as idades. As crianças participavam do mundo adulto precocemente, sendo inseridas no trabalho, na vida sexual e nas dinâmicas sociais sem qualquer mediação ou proteção específica, o que as tornava mais vulneráveis à violência e aos abusos por parte dos mais velhos. A ausência de uma representação social da infância resultava em práticas que ignoravam as particularidades do desenvolvimento infantil como uma base desse indivíduo adulto.

A emergência do “sentimento de infância”, como propõe Ariès, é um fenômeno relativamente recente, que surge com as transformações nas estruturas familiares e sociais da modernidade. A partir do século XVII, com a consolidação do modelo de família burguesa e a institucionalização da escola, passa a existir um olhar mais atento e controlado sobre a criança, agora percebida como um ser em formação. Nesse novo arranjo, a infância é compreendida como etapa fundamental da vida, marcada por dependência, heteronomia e obediência, mas também por um ideal de proteção e formação moral (Ariès, 1986).

Foi apenas com o avanço das Ciências Humanas e Sociais que a infância passou a ser considerada um objeto legítimo de investigação. A concepção moderna de infância, nesse sentido, reflete não apenas mudanças epistemológicas, mas também transformações nos regimes de poder e nas práticas sociais que passaram a produzir a criança como sujeito diferenciado. No século XX, partindo do pensamento de Descartes, a infância começa a se estruturar a partir da perspectiva dualista do universo, sendo observada como uma existência separada, entendendo-se a sua fisiologia como própria dessa fase, porém em constante evolução. A partir dessa perspectiva, a criança passa a ser tratada com mais pudor e respeito. E, só após superar a fase da vida conhecida como infância, fortemente marcada pela interdependência, esse sujeito infantil estaria efetivamente pronto para ser inserido integralmente na sociedade.

Para Levin, essa distinção entre adulto e criança também atende a uma lógica capitalista, que valoriza indivíduos e individualidades. A palavra infância passou então a designar a primeira idade da vida: a idade da necessidade de proteção. E tal concepção

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

perdura até os dias de hoje. Levin fala que foram considerações como necessidade, proteção, amparo e dependência que fizeram surgir essa ideia social de infância que temos até hoje. Assim, as crianças, antes entendidas apenas como seres biológicos inferiores, sobrevivem desse processo de atenção assistida, passando a receber cuidados e uma rígida disciplina para transformá-las em adultos socialmente aceitos (Levin, 1997).

O biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, Piaget, divide a infância em quatro estágios: sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-7 anos), operatório concreto (7-11 anos) e operatório formal (11 ou mais). Ele apresenta peculiaridades para cada etapa e considera que cada uma delas “depende intrinsecamente” dos adultos para que o desenvolvimento da criança em cada uma destas seja exitoso. Ele considera que a criança nasce com seu intelecto “pré-definido” e que as etapas por ele esboçadas, referem-se apenas ao desenvolvimento desse intelecto preexistente (Piaget, 1984, pág. 60).

Nesse sentido, a criança passa a se desenvolver a partir do momento que percebe as necessidades de se encaixar no meio em que está inserida. É quando ela apreende necessidades afetivas e de adaptação moral e social; ou seja, quando ela se identifica a partir das performances e repetições de seus semelhantes. Observa-se, então, o início do processo de formação psicossocial e individual do sujeito a partir da sua assimilação dos processos de representatividade existentes no meio em que se está inserida.

Considerado um dos mais importantes pensadores do século XX, Piaget estabelece que o conceito de criança designa pessoas cujo processo cognitivo é “marcado por um egocentrismo intenso, caracterizado pela confusão entre significante e significado (semiótica), entre interno e externo, entre pensamento e matéria”. Segundo o autor, o “realismo infantil” é esse universo criado pela criança nos anos iniciais e acontece porque a criança não consegue perceber a “plenitude simbólica” da fonte do pensamento, onde “o egocentrismo infantil é a confusão inconsciente do ponto de vista próprio com o ponto de vista dos outros” (Piaget, 1970, p. 39).

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

As crianças, nos anos iniciais, acreditam apenas em um mundo exterior, não havendo, assim, uma capacidade de abstração. Por exemplo, na fase compreendida entre os 2 e 7 anos de idade, elas acreditam ser a fala, o porta-voz do pensamento, e que tudo o que se pensa deve ser dito ou feito. Daí a ideia de inocência e verdade que toda criança carrega consigo, mas que são apenas reflexos da falta de experiência com o mundo interior (Piaget, 1984).

Tuteladas pelos mais velhos, na perspectiva piagetiana, as crianças passam a se desenvolver e a compreender as suas características, amadurecendo processualmente e conhecendo o seu próprio *eu* por etapas. Amparados pelas ideias de Piaget, também devemos considerar a perspectiva interacionista do psicólogo russo, proponente da psicologia histórico-cultural, *Lev Vygotsky*, que compreende a evolução sociocultural humana como uma simbiose construtivista-interacionista onde o indivíduo se estabelece a partir de relações sociais responsáveis por estimular suas características, desenvolver processos pré-existentes, além de organizar as heranças genéticas desse indivíduo.

Para Vygotsky, a infância é um período do desenvolvimento humano em que o sujeito está intensamente envolvido na construção de suas funções psíquicas superiores, e esse processo ocorre a partir da interação social mediada principalmente pela linguagem. O desenvolvimento humano, segundo o autor, não é um processo natural e linear predeterminado, mas um fenômeno cultural e socialmente mediado, em que o indivíduo internaliza formas coletivas de atividade, transformando-as em funções psicológicas individuais. Assim, a criança se desenvolve as suas emoções por meio da mediação e interação com os adultos e da apropriação de signos culturais onde “cada função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e depois dentro da criança (intrapicológica) (Vygotsky, 2007, p. 112).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é dever constitucional da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Mas o que se tem é um descaso total do cumprimento desses direitos, ainda mais se tratando de uma criança LGBTQIAP+, que são obrigadas a suprimir suas emoções e a reprimir desejos e identidades de gênero.

4. Breve História da Sexualidade: Das Orgias Medievais ao Quarto dos Meus Pais

A história da sexualidade é algo muito amplo e denso. Estudar e entender o indizível — por estar escondido —, torna o objeto ainda mais oculto. E entender tudo o que está oculto necessita, primeiramente, de se fazer com que tal coisa se mostre. Que ela se deixe observar. Durante muitos anos, a sexualidade foi algo intimamente escondido. O sexo sempre foi um tabu e todas as suas discussões deveriam ser incondicionalmente discretas. As práticas procuravam o segredo, “mas as palavras e as manifestações, contudo, eram ditas sem reticências”. Algo que, por ventura, viesse a fugir dessa inexpressividade, desse segredo, era imediatamente tido como “escandaloso”. Era um escândalo falar sobre sexo, mas “mais ainda, fazê-lo” (Foucault, 1976, pág. 9).

Na efervescência da *Revolução Sexual* (1970), Michel Foucault buscou traçar, em uma linha do tempo sobre o “dispositivo sexualidade” e a sua aparição a olho nu. Intitulada *História da Sexualidade*, a obra de Foucault, dividida em três volumes (*A vontade de saber*, 1976; *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, 1984) apresenta esse poder que surge da mediação de discursos sobre o corpo e o desejo. O autor classifica que a sexualidade de homens e mulheres é regida pela Igreja e que esta exerce um forte empenho sobre os seus corpos (Foucault, 1976).

Não obstante, Foucault evidencia, ao longo de sua genealogia da sexualidade, a emergência de uma sexualidade assistida, observada e debatida — resultado direto das transformações históricas e discursivas que se intensificam a partir da modernidade. Para o autor, o capitalismo expõe os corpos, ao mesmo tempo em que fomenta uma cultura de

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

autoconhecimento e redescoberta da sexualidade sob uma ótica individualizada. Nesse cenário, o sujeito é convocado a redefinir sua relação com o próprio corpo, estabelecendo, por si, os limites e significados de sua identidade sexual e de gênero. A sexualidade, assim como o gênero, torna-se também um produto do capital. Plataformas digitais como *X* (antigo *Twitter*), *Tik Tok*, *Instagram*, *OnlyFans* e *Privacy* assumem, então, um papel central na mediação entre corpo, indivíduo e desejo. Ainda que desprovidas de diretrizes pedagógicas ou fundamentação teórica, essas redes sociais operam como arenas de produção e circulação de discursos sobre o sexo e o prazer. Nelas, usuários(as) geram, reproduzem e consomem conteúdos que transformam temas íntimos e complexos em tendências virais. Publicamos nossas sexualidades, mas muitas vezes desconhecemos as origens e os sentidos mais profundos de nossas investidas.

O capitalismo contemporâneo, sob o disfarce da globalização, opera por meio da lógica neoliberal que, segundo Han (2017), “aciona uma despolitização geral da sociedade, onde ele, não por último, substitui Eros por sexualidade e pornografia” (p. 62). Nesse cenário, questões relativas à sexualidade passam a assumir novos contornos, impulsionadas por demandas que emergem da lógica do consumo e da estetização do corpo. A erotização contemporânea deixa de estar vinculada ao desejo como experiência simbólica e afetiva e passa a girar em torno de ideais de desempenho, visibilidade e capital erótico. Corpos perfeitos, harmonizações faciais e padrões estéticos normativos se tornam instrumentos de um processo constante de redesenho identitário, moldado para ser digitalmente atrativo e comercializável.

No contexto das masculinidades dissidentes, particularmente entre homens gays, cresce a sedução pelo impulso narcísico de domínio — sustentado pela lógica do capital e do culto à imagem — em tensão com o desejo profundo de ser amado. Como alerta Han, “na pornografia que nos serve ao mero viver exposto [...] se percebe como sua própria profanação”, promovendo a “desritualização do amor” (HAN, 2017, p. 62). A pornografia,

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

nesse sentido, torna-se não apenas um produto, mas uma gramática emocional que desloca o amor da esfera simbólica para a lógica do consumo e da exposição performática.

A sociedade e-contemporânea, marcada pela lógica capitalista digital, promove discursos sobre corpo, gênero e sexualidade, porém frequentemente sob uma ótica mercadológica. A diversidade identitária é transformada em um catálogo de categorias consumíveis, em que sujeitos são incentivados a se enquadrar em siglas e representações padronizadas. Nesse processo, o amor torna-se produto, o sexo uma mercadoria, e os corpos — sobretudo aqueles tidos como “perfeitos” — são endeusados, sustentando uma falsa ideia de autossuficiência e performance constante.

5. O Debate Sobre Sexualidade na Infância: De Onde Vem os Bebês?

A sexualidade infantil permanece como um tema cercado por silêncio e tabu. Raramente se promove o diálogo sobre sexualidade com crianças, tampouco se busca intermediar esse processo de forma orientada. Em muitas sociedades, ainda predomina a crença de que a sexualidade deve emergir exclusivamente como uma descoberta corporal e individual, negando qualquer possibilidade de orientação ou acompanhamento. Desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, a infância é frequentemente concebida como uma fase assexuada, marcada por uma suposta inocência natural. No entanto, essa visão é desmentida por Freud, que demonstrou que tal concepção angelical da infância é não apenas equivocada, mas também prejudicial. Ao negar a existência da sexualidade infantil, contribui-se para sua invisibilização e para a perpetuação de desinformação, abrindo espaço para violências e abusos silenciados. Parte dessa negligência pode ser compreendida a partir de um fenômeno psíquico identificado pelo próprio Freud: *a amnésia infantil*. Segundo o autor, essa condição, presente na maioria das pessoas, encobre os primeiros anos de vida — aproximadamente até os seis ou oito anos —, dificultando o acesso consciente às primeiras experiências sexuais (Freud, 2016).

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

As pulsões sexuais que configuram a libido, e que são utilizadas para manifestar desejos ou impulsos sexuais das pessoas, são reações fisiológicas que nos acompanham desde que nascemos. Para Freud, existem duas fortes pulsões que norteiam a nossa existência no mundo: as pulsões de Eros (vida) e da Morte, sendo esta segunda, a força que nos aproxima de nossa natureza mais animal. A libido é fundamental para entender o comportamento humano em todas as suas complexidades, por que essa reação é a fonte de energia que direciona os instintos vitais, ou seja, todas as reações e relações pessoais e interpessoais existentes na espécie humana (Freud, 2011)

Freud explica que a criança tem os seus primeiros contatos com a sexualidade ainda nos anos iniciais. O autor apresenta em sua *Teoria da Sexualidade*, estudos do pediatra húngaro Lindner (1879) que dedicou um excelente trabalho a compreender como a sexualidade infantil é estimulada desde a amamentação, durante o ato de chuchar (sugar o leite). Nesse processo de caráter oral — em que a criança descobre o mundo pela boca —, desenvolve-se uma pulsão na zona erógena da boca. A estimulação proporcionada pelo fluxo cálido do leite é responsável por promover o autoerotismo por meio do sugar (Freud, 2016).

Segundo o pai da psicanálise, de início, a sensação de prazer é associada à necessidade de se alimentar. A estimulação sexual, portanto, apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida e só depois torna-se independente dela. A sucção, inicialmente associada à amamentação, é descrita por Freud como uma das primeiras formas de autoerotismo infantil. A criança, ao repetir esse gesto em diferentes contextos, não apenas revive sensações prazerosas anteriormente experimentadas, mas também desenvolve uma forma primária de autonomia na busca pelo prazer. Tal processo evidencia a presença de pulsões sexuais desde os primeiros anos de vida, contrariando a concepção tradicional da infância como etapa assexuada.

Assim como a zona dos lábios, outra zona erógena de revelação sexual na criança se dá pela via anal, quando “tiram proveito da estimulação erógena da zona anal” ao

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

reterem as fezes até que o acúmulo do material provoque contrações musculares para evacuar e “nessa passagem pelo ânus, exerça uma estimulação intensa na mucosa” e isso produziria sensações de “volúpia e dor” (Freud, 2016, pág. 91).

Este processo desempenhado pelo sistema digestivo, que curiosamente começa na boca e termina na evacuação, além de natural, é responsável por ser também uma das primeiras experiências de prazer vividas na infância. É instintivo que a criança, sob a influência da sedução, possa vir a se tornar perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra o que traz à sua disposição, aptidão para elas. Por isso, a sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos – a vergonha, o asco e a moral — ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção (Freud, 2016).

Diante da leitura freudiana da sexualidade infantil como uma dimensão pulsional, instintiva e múltipla, torna-se urgente repensar os enquadramentos restritivos e normativos que reduzem o sexo à penetração genital e à performance reprodutiva. Essa visão reducionista ignora que o prazer — como reação fisiológica e expressão do desejo — está distribuído por todo o corpo, não se limitando a um ato ou zona específica. Ao mesmo tempo, revela-se necessário desritualizar o sexo enquanto encenação de papéis de gênero, isto é, desamarrá-lo das expectativas fixas do masculino ativo e do feminino passivo, bem como do modelo heteronormativo de reprodução.

A sexualidade, em sua origem, manifesta-se como fluxo, experimentação e descoberta. Ao reconhecer que desde a infância já operamos por meio dessas pulsões, abre-se espaço para uma educação sexual mais honesta, preventiva e afetiva — capaz de acolher a diversidade dos corpos, dos prazeres e das experiências humanas. Somente assim poderemos romper com a lógica do silenciamento e construir relações menos marcadas pela culpa, pela ignorância e, principalmente, por violências.

6. Criança Viada: memórias queer e a subjetividade marcada pelo trauma

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A obra *Criança Viada* (Ribeiro, 2021), construída a partir de entrevistas com dez homens gays adultos, associada a um estudo de recepção e ao trabalho memorialístico de elaboração literária, constitui-se como um poderoso dispositivo de denúncia e análise das marcas deixadas por violências sofridas na infância de sujeitos queer. As crônicas que compõem o livro articulam, por meio de uma linguagem híbrida entre o jornalismo narrativo e a literatura de testemunho, a experiência da infância marcada por repressões afetivas, abusos sexuais, exclusão e silenciamento identitário.

Ao analisar as narrativas presentes na obra, torna-se evidente a recorrência de episódios de violência simbólica e física que operam como matriz para a constituição de subjetividades queer adultas atravessadas por práticas de autodepreciação, erotização compulsiva e dificuldade de estabelecer vínculos afetivos seguros. Como afirma Foucault (1976), os corpos são regulados por regimes discursivos que produzem e silenciam saberes sobre o desejo — e na infância queer essa regulação frequentemente assume a forma da negação.

Na crônica “Eu não presto” (Ribeiro, p. 41), por exemplo, o narrador relata um episódio de abuso sexual ocorrido aos nove anos de idade, cometido pelo noivo da empregada de sua casa. A violência, tratada com desconforto e silêncio, é reforçada pela ausência de escuta e pela interiorização da culpa, como revelado no próprio título da crônica. Tal experiência evidencia o que Freud (2016) designou como “amnésia infantil”, ou seja, o recalque dos traumas precoces que se inscrevem no inconsciente e retornam em forma de sintomas, comportamentos compulsivos ou fantasias recorrentes na vida adulta.

Já em “Dia das Crianças” (Ribeiro, p. 39), o trauma é construído por meio de uma experiência simbólica de recusa: ao receber de presente os bonecos da série *Power Rangers*, o menino é impedido pela mãe de brincar com os personagens femininos, considerados “inadequados” para um menino. A retirada da ranger rosa e da ranger amarela é interpretada como uma violência de gênero, baseada na normatização dos afetos e dos desejos infantis. Como aponta Butler (2003), é justamente no nível da performatividade

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

reiterada que se constituem os sujeitos, e a infância é o espaço inaugural dessa normatização que recai sobre os corpos desviantes.

A crônica “Sítio Segredo” (Ribeiro, p. 35) representa a metáfora do isolamento e da construção silenciosa da subjetividade queer. Ao relatar a experiência de crescer em uma região afastada, o narrador explicita a solidão e a ausência de pares, descrevendo como “em segredo, fui me tornando um menino afeminado, a discriminada criança viada” (Ribeiro, p. 36). O segredo, aqui, não é apenas geográfico, mas simbólico: representa a invisibilidade e a clandestinidade com que o desejo é vivido na infância, moldando adultos marcados por estratégias de camuflagem, vergonha e sofrimento psíquico.

Essas experiências de repressão e violência na infância, como expostas na obra *Criança Viada*, podem ser compreendidas a partir da noção de **inquietaude queer (queer anxiety)** formulada por Eve Kosofsky Sedgwick (1993). Segundo a autora, toda subjetividade queer tende a ser constantemente atravessada por uma ansiedade social e psíquica que emerge da antecipação da rejeição, da exposição do desejo desviante e da performatividade não normatizada desde os anos formativos da infância. Essa inquietaude, ainda que não empossada diretamente na infância, é sentida no corpo e no afeto, marcando o sujeito com uma tensão entre visibilidade e sobrevivência (SEDGWICK, 1993, p. 8–9). Em textos ensaísticos como *Axiomatic* e *Queer and Now*, Sedgwick explora como a identidade queer é desde sempre vivida em um regime de alerta e resposta emocional constante, num contexto que criminaliza ou patologiza qualquer desvio da heteronormatividade.

A leitura de *Criança Viada* permite, portanto, que tais experiências sejam não apenas visibilizadas, mas também ressignificadas. Ao nomear aquilo que foi silenciado, os textos transformam a dor em possibilidade de elaboração. Como propõe Paulo Freire (1996), o processo educativo — inclusive aquele que se dá pela literatura — deve favorecer a tomada de consciência crítica (conscientização) e a libertação das opressões estruturais.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

É, portanto, imprescindível que as políticas públicas, especialmente aquelas voltadas à educação sexual, considerem a dimensão histórica, afetiva e subjetiva da infância queer. Não se trata apenas de garantir direitos, mas de reconhecer, como defende Bell Hooks (2000), que o amor pedagógico passa também pela escuta do trauma e pela valorização das memórias marginalizadas.

Esses relatos, em conjunto, permitem compreender que a infância queer, quando não acolhida, tende a se converter em um território de dor que se projeta sobre a vivência da sexualidade na vida adulta. Como argumenta Sedgwick (1993), o sujeito queer frequentemente carrega em sua trajetória o peso da diferença inscrita precocemente em seu corpo e linguagem. A ausência de espaços seguros para expressão de afetos e identidades na infância gera uma série de estratégias defensivas, muitas vezes expressas em comportamentos de risco, como dependência sexual, compulsão, automutilação ou erotização precoce — aspectos também observados nos dados empíricos deste estudo em ambientes como o Grindr.

7. Performatividade de Gênero, Interseccionalidade e o Papel Transformador da Educação

Através das contribuições de Judith Butler, filósofa pós-estruturalista estadunidense, a *teoria queer* desafia a concepção essencialista de gênero, propondo uma compreensão performativa dessa categoria. Segundo Butler, o gênero não é algo que nascemos com, mas algo que "fazemos" através de uma repetição contínua de atos, normas e discursos sociais. Em suas palavras, "a identidade de gênero é uma construção performativa, sustentada pela repetição regulada de normas" (Butler, 2003, pág. 23).

Quando falamos sobre performatividade de gênero, é importante considerar a intersecção entre gênero, sexualidade, raça e classe, abordando esses marcadores não como categorias isoladas, mas como construções interdependentes. Esse conceito de performatividade evidencia que o gênero não é uma essência fixa, mas algo fluido, que

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

pode ser subvertido através de performances que desafiam as normas binárias e heteronormativas impostas pela sociedade.

Nesse contexto, esbarramos na interseccionalidade, um conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw, advogada norte-americana defensora dos direitos civis e especialista em questões de raça e gênero. Crenshaw aponta que as opressões não se dão de maneira isolada. Por exemplo, a experiência de uma mulher negra lésbica não é apenas a soma das opressões de gênero, raça e sexualidade, mas uma vivência única que requer uma abordagem que considere todas essas variáveis de maneira integrada (Crenshaw, 1991).

Portanto, as performances de gênero não podem ser compreendidas sem a análise das múltiplas camadas de opressão que incidem sobre os corpos, especialmente os corpos queer e racializados. Estamos falando de pessoas cuja infância foi de muita violência psicológica e resistência para existir. Neste contexto mais complexo, por ser abrangente, porém dialético, por se encontrar nesse emaranhado de ideias, a educação desempenha um papel fundamental como uma ferramenta de transformação social.

Inspirando-se no pensamento de Paulo Freire, a educação crítica tem o potencial de libertar as pessoas de narrativas opressoras, criando espaços para a emergência de subjetividades plurais. O pedagogo afirma que “a educação verdadeira é aquela que não apenas transmite conhecimentos, mas emancipa, questiona e cria condições para que o indivíduo construa sua própria identidade”. Dessa forma, a educação sexual inclusiva e crítica pode funcionar como um espaço onde as normas de gênero e sexualidade são desconstruídas, permitindo que jovens LGBTQIA+ encontrem espaços para se expressar sem medo da repressão social (Freire, 1996, pág. 47).

Assim, a *teoria queer* encontra na educação uma plataforma potente para subverter as normas vigentes. Se o gênero é performado, como afirma Butler, então a educação pode ser o palco onde essas performances são resignificadas e transformadas. Não basta apenas incluir discussões sobre diversidade de gênero e sexualidade nas escolas; é necessário

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

questionar o próprio sistema educacional que, muitas vezes, reforça normas de gênero binárias.

Nesse sentido, Bell Hooks (2013) defende a importância de uma pedagogia inclusiva e interseccional, que não só valorize as identidades marginais, mas também disfarça as estruturas de poder que perpetuam a marginalização. Esse cruzamento dialético entre performatividade de gênero, interseccionalidade e o papel transformador da educação na vida das pessoas revela que a luta contra a opressão de pessoas LGBTQIA+ exige mais do que mudanças de políticas isoladas. É preciso um repensar completo das normas sociais, que envolva educação crítica e empoderadora para construir uma sociedade mais inclusiva. Afinal, “a subversão das normas de gênero exige repetição de performances que desestabilizam o que antes parecia natural”. A partir da educação, essa subversão pode ser incentivada, criando uma geração mais crítica e resistente às formas de opressão que perpetuam desigualdades baseadas em gênero, raça e sexualidade (Butler, 2003, pág. 45).

8. A Influência da Infância Queer na Configuração Psíquica de Homens Gays Adultos

A adultização precoce é uma das consequências mais visíveis da crise contemporânea da infância na era digital. Segundo Neil Postman (1994), a distinção entre infância e vida adulta, historicamente estabelecida a partir de códigos morais, regras sociais e processos educacionais, vem sendo gradualmente dissolvida com o avanço das mídias eletrônicas, nomeadamente as redes sociais, principalmente pela logística mercantil liberal. Para o autor, o surgimento da imprensa foi responsável por criar uma barreira simbólica entre adultos e crianças, baseada no acesso progressivo à informação e ao saber. Com a televisão — e, posteriormente, com a internet —, essas fronteiras entraram em colapso, permitindo que conteúdos e linguagens antes restritos à vida adulta fossem consumidos indiscriminadamente por crianças. “A comunicação eletrônica ignora a idade”, afirma Postman (1994, p. 84), e com isso “a infância, enquanto conceito social, começa a desaparecer”.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

No contexto das redes sociais e plataformas como o Tik Tok, X, Instagram e até mesmo no aplicativo Grindr, essa dissolução adquire contornos ainda mais graves. As crianças e adolescentes queer, já atravessadas por processos de exclusão e silenciamento, veem-se inseridas precocemente em um universo onde o desejo, o corpo e a performatividade são moldados por lógicas adultas e, frequentemente, erotizadas. Postman argumenta que, sem mediações protetoras entre os mundos adulto e infantil, "a criança torna-se uma imitação do adulto, sem a experiência, mas com os símbolos" (1994, p. 95). A adultização, nesse caso, não representa amadurecimento, mas uma forma de vulnerabilização, especialmente perigosa para sujeitos LGBTQIA+, que, privados de referências afetivas seguras, são expostos a dinâmicas de poder e violência desde muito cedo.

Historicamente, as relações homoafetivas foram sistematicamente condenadas pela doutrina da Igreja Católica, que as classificava como pecaminosas e moralmente inaceitáveis. Tal perspectiva foi amplamente disseminada, tornando-se norma social e alimentando discursos de abjeção em torno das sexualidades dissidentes. Dentro dessa lógica, a sexualidade era concebida exclusivamente como prática conjugal voltada à reprodução, restringindo-se ao espaço privado e heterossexual do matrimônio cristão.

Temas como o corpo, a identidade de gênero e os afetos homoeróticos foram, durante séculos, relegados a territórios de silêncio, marginalidade e invisibilidade. Demonstrações públicas de afeto entre homens eram proibidas e criminalizadas, reforçando uma rígida estrutura binária de gênero. Nessa configuração, o masculino era associado à força, ao domínio e à racionalidade, enquanto qualquer expressão de vulnerabilidade emocional — como o simples ato de chorar — era culturalmente rejeitada. Expressões como “menino não chora” tornaram-se emblemas da pedagogia da masculinidade normativa, que não apenas exclui o afeto entre homens, mas também reprime a sensibilidade como um traço indesejável no homem socialmente aceito.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Todo adulto já sofreu algum tipo de abuso durante o seu processo civilizatório. Para Freud, “a civilização é fruto da repressão” (2011, pág. 48). Segundo dados da plataforma Quebrar o Silêncio¹, uma associação portuguesa que presta apoio especializado a homens e rapazes sobreviventes de violência e abuso sexual, um em cada seis homens é vítima de abuso sexual antes dos 18 anos. Apenas 16% dos homens reconhecem ter sido vítimas de violência sexual. Em 2023, 124 novos pedidos de ajuda de homens e rapazes abusados sexualmente chegaram ao canal. Ao considerarmos essa taxa de subnotificação, ou seja, o percentual de homens que não reconhecem o abuso ou que não procuram ajuda, o número estimado de casos de abuso em 2023 pode ser significativamente maior. Projetando essa subnotificação, estima-se que o número real de homens abusados sexualmente ao longo do ano seja de aproximadamente 774 casos, o que corresponde a uma média de dois casos por dia. Esta plataforma, além de dar informações sobre o tema, compartilha depoimentos de homens que sofreram abuso. Esse é o trecho do testemunho do Lucas, 22 anos:

Aos 6 ou 7 anos, inconsciente sobre tudo que envolvia sexo, de modo infantil (como uma brincadeira entre primos) tive o meu primeiro contato com o que seria “sexo”, não foi algo traumatizante, afinal, era uma brincadeira. Aos 8 ou 9 anos, fui abusado sexualmente por um cara mais velho, aquela mesma ladainha “não conta para ninguém”, “se quiser isso ou aquilo, tem que fazer isso” e outros jargões de abusadores que no momento não me recordo (trecho do testemunho do Lucas, disponível na plataforma Quebrar o Silêncio, 2024).

¹ <https://www.quebrarosilencio.pt>

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

No Brasil, dados recentes do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (SINESP) reforçam a gravidade da violência sexual. Em 2024, o país registrou uma média de nove casos de estupro por hora, com 9.682 vítimas sendo homens — um número expressivo que, somado à tradicional subnotificação de casos masculinos, escancara a invisibilidade dessa violência. Ainda que a maioria das vítimas continue sendo mulheres, o recorte de gênero não deve ocultar a urgência de se discutir o abuso sexual entre meninos e homens. Veja a imagem abaixo²:

Indicadores sobre abuso sexual masculino

Indicador	Valor
Média de estupros por hora (geral)	9
Vítimas masculinas em 2024 (SINESP)	9.682
Homens que sofrem abuso antes dos 18	1 em cada 6
Casos denunciados por homens	3,9%
Homens que reconhecem ter sido vítimas	16%
Tempo médio até relatar abuso	+20 anos

Fonte: SINESP, 2024

Figura 1- Violência Sexual Contra Homens no Brasil (Fonte: SINESP, 2024)

Além disso, estima-se que um em cada seis homens é vítima de abuso sexual antes dos 18 anos. Entretanto, apenas 3,9% dos casos são denunciados e somente 16% dos homens reconhecem que foram vítimas. Os estudos ainda indicam que o tempo médio entre o abuso e o relato é de mais de duas décadas, um dado que escancara o impacto de estereótipos de masculinidade e a cultura do silêncio em torno da violência sexual masculina.

A dissertação de mestrado intitulada *Abuso Sexual em Homens e as Relações Interpessoais: Estudos de Casos* (Sentieiro, 2020), é uma pesquisa desenvolvida que

² Os dados evidenciam o impacto de estereótipos de masculinidade na perpetuação do silêncio, reforçando a necessidade de políticas públicas que considerem a especificidade da violência sexual contra homens.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

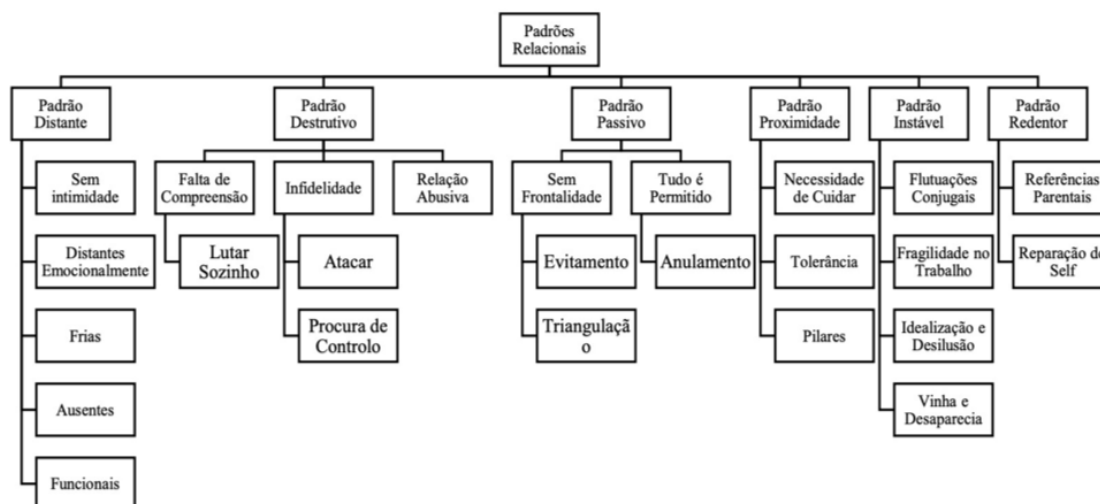
REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

analisa estudos de casos, muitos desses disponibilizados pela plataforma Quebrar o Silêncio, com o objetivo de responder a seguinte questão: como são vivenciadas as relações interpessoais em homens sobreviventes de abuso sexual?

Os resultados do presente estudo qualitativo mostram que existem vários efeitos a nível individual como o desenvolvimento de crenças sobre o abuso sexual (p.e., culpa, abandono e defeito), desenvolvimento do *self* (p.e., insegurança, autoestima), estereótipos de género masculinos (p.e., estigma da homossexualidade), trauma (p.e., perturbação do stress pós-traumático) e na sexualidade (p.e., insegurança sexual e disfunção erétil). (Sentiero, 2020).



Sentiero apresenta alguns esquemas em gráficos gerados, principalmente, das análises de dados clínicos cruzados com os depoimentos disponíveis na plataforma da Quebrando o Silêncio. Dentre esses esquemas, ela apresenta um *Mapa Geral dos Padrões Relacionais*. No esquema, a pesquisadora tece modificações comportamentais que se estruturam consoante a maneira com que essa criança lida com o abuso, seja pela falta de acompanhamento, pelo recalçamento do trauma, pelo medo, ou — sendo uma criança viada — pelo real estímulo sexual que encontra nesse abuso uma forma de “validação”.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Segundo a pesquisadora, os padrões relacionais caracterizam-se pelas vivências das relações, que inclui as dinâmicas relacionais, as estratégias de resolução de problemas e dificuldades relacionais — a sua interação contribui para a identificação de padrões.

O fato é que a falta de um diálogo mais amplo sobre os *impulsos sexuais* e o conservadorismo exacerbado acerca do corpo, só fazem com que este tipo de situação seja ainda mais naturalizado. As meninas, por exemplo, são punidas diariamente por suas investidas sexuais e castradas de seus impulsos, impedidas de explorarem a seu corpo; enquanto os homens são cobrados socialmente a aprimorar as suas performances sexuais: filmes pornô e masturbação entre amigos são culturalmente aceitáveis, desde que sejam escondidos. Fazem parte do desenvolvimento desse homem macho. Ele deve desenvolver a sua performance de macho para saber “ser homem” quando chegar a hora.

O que muitas pessoas não sabem — ou decidem ignorar —, são os números expressivos de abusos sexuais sofridos por crianças do sexo masculino. E nem vamos comentar das meninas. A pressão sexual e o controle da libido são alguns dos fatores que contribuem para que estes tipos de violências aconteçam.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A descoberta do prazer é algo tão particular. Nem todo mundo recebe da mesma forma. As memórias sexuais da infância influenciam muito. Inclusive, a vida sexual adulta não é sobre descobertas, mas sim sobre reencontros *pulsionais*. Desejamos vivenciar o que nos passou despercebido na perspectiva do contato sexual introdutório ao coito em si (o negado prazer infantil). Agora, vestígios mnêmicos norteiam os nossos gostos, desenhando os percursos que recorremos para (re)obtenção desse prazer no hoje.

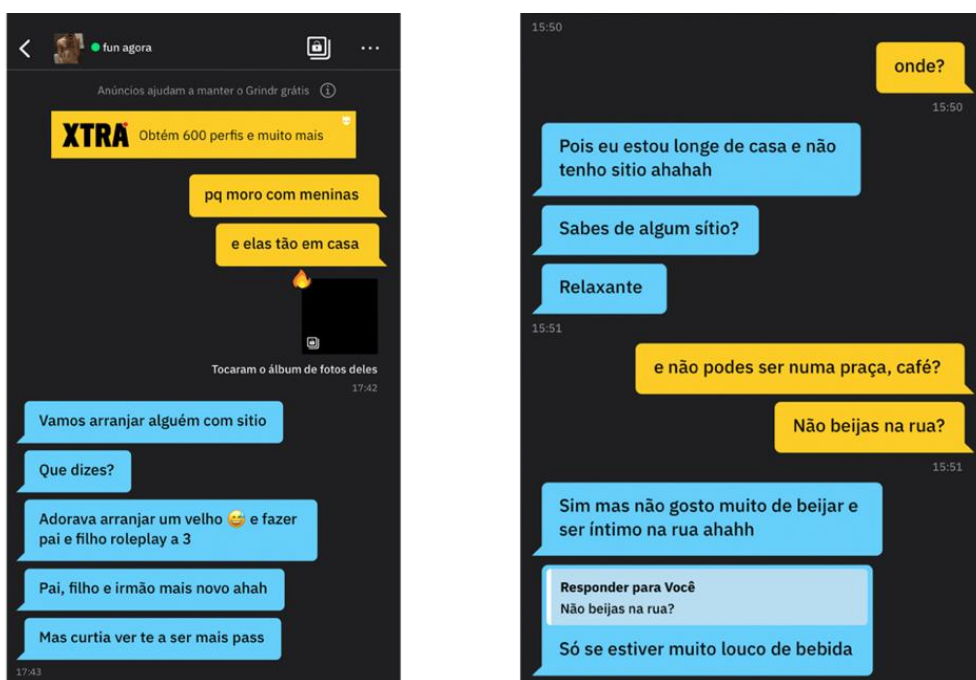


Figura 3 – caixa de conversas no aplicativo Grindr (print da tela)

As relações sexuais violentas, pegação em banheiros — o famoso banheiro, presente em umas das crônicas da obra *Criança Viada* —, parceiros desconhecidos, situações de sexo sem segurança física e emocional, situações de abusos, buscas por corpos masculinizados, aspectos estéticos familiarizados, todo esse fetichismo está ligado as relações sexuais infantis que foram armazenadas em processos mnêmicos traumáticos e potencialmente tidos como vergonhosos, como exemplificados na imagem anterior.

Por trás da primeira recordação do surgimento do fetiche, há sempre uma fase apagada e esquecida do desenvolvimento sexual, e o fetiche, como uma <<lembrança

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

encobridora>>, representa essa fase e constitui, assim, um vestígio dessa memória sexual traumática. A evolução para o *fetichismo* dessa fase situada nos primeiros anos da infância, assim como a escolha do objeto de fetiche em si, é condicionalmente determinada a partir de vivências sexuais e isso inclui abusos. Perceba, quando articulo traumático, me refiro a todo e qualquer processo de aprendizagem, afinal, esse processo de socialização masculina, muitas vezes baseado na repressão emocional e na negação da sensibilidade, contribui para traumas estruturantes na formação subjetiva de meninos que não performam masculinidades hegemônicas (Freud, 2014).

Hétero curioso, discretos, sigilosos e não-efeminados e tantos outros. Toda essa patológica tratativa faz com que muitos homens gays reproduzam estereótipos convencionais que são responsáveis por institucionalizar a homofobia dentro de suas próprias sexualidades. Veja a seguir, descrições de perfis no aplicativo:

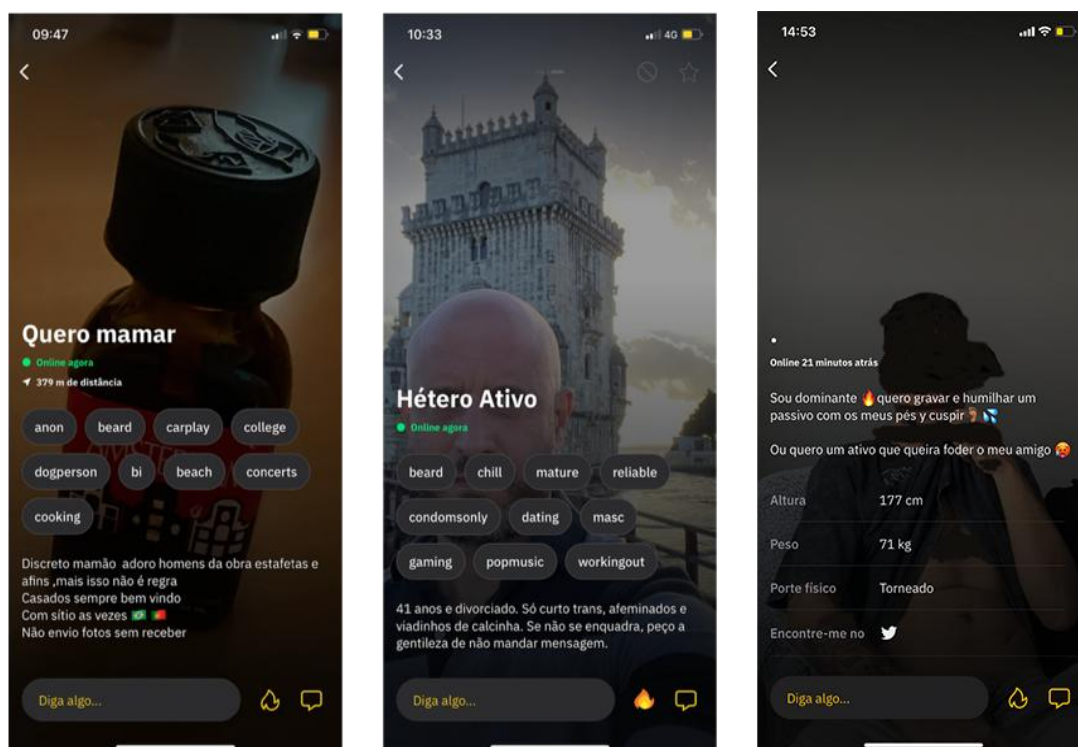


Figura 4 – descrições de perfis no aplicativo Grindr (print da tela)

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

As capturas de tela apresentadas mostram descrições de perfis do Grindr, que revelam como certos padrões normativos e discursos de exclusão se manifestam em interações dentro da plataforma. No primeiro perfil, a frase "Quero mamar" associa o desejo sexual a estereótipos de homens discretos, reforçando a ideia de masculinidade "aceitável" dentro da comunidade gay, com a menção a "homens da obra" e "casados". Essa preferência por figuras que seguem convenções heteronormativas, como homens casados e trabalhadores manuais, reflete uma tendência de valorização da masculinidade normativa e discreta, ou a vontade de reviver essas lembranças sexuais.

O segundo perfil, que se descreve como "Hétero Ativo", expressa abertamente a sua rejeição enquanto homem gay. Ele não se identifica como tal — e isso não é sobre identidade de gênero, isso é sexualidade. Ao Especificar as suas preferências por pessoas "trans", "afeminados" e "viadinhos de calcinha", traz consigo a sua performance de homem macho, onde a masculinidade viril e normativa é reforçada para se sentir "menos gay". Muitos homens tem essa ideia de que o "ativo" não é considerado homossexual porque durante o coito é ele quem penetra o outro homem.

Por fim, o terceiro perfil exhibe um conteúdo que exalta práticas de dominação e humilhação, novamente com foco em estereótipos masculinos, ao passo que sexualiza a submissão de outros corpos e a objetificação de terceiros. Essa interação demonstra como dinâmicas de poder e hierarquias sexuais são reproduzidas e reforçadas dentro do aplicativo. Esse terceiro perfil abre brecha para uma outra análise, que é a criação de conteúdos para adultos. É cada vez mais comum encontrar usuários que estão à procura de parceiros para gravar as suas relações e vender esse material em plataformas como *Onlyfans* e *Privacy* — mas isso rende uma outra discussão, tão complexa por estar fortemente pautada no consumo do masculino como objeto de desejo na sociedade.

As interações analisadas na plataforma Grindr revelam uma ambivalência significativa. Embora funcione como um espaço de expressão da sexualidade para homens que fazem sexo com homens (HSH), o aplicativo também atua como um dispositivo de

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

regulação social, reproduzindo normas excludentes de gênero, desejo e performance. Nesse contexto, hierarquias de masculinidade, padrões hegemônicos de atração e discursos homofóbicos e transfóbicos são frequentemente reforçados. Assim, o Grindr não apenas facilita encontros sexuais, mas também se configura como um ambiente onde se manifestam — e são tensionadas — as dinâmicas de poder, pertencimento e exclusão dentro da própria comunidade LGBTQIA+.

Todavia, essas performances comportamentais, investidas e desejos, são reflexos traumáticos de uma infância violenta, onde estes adultos foram privados de se expressarem enquanto homens sensíveis. Afinal, para a sociedade, todas as tendências homossexuais deveriam ser reprimidas — até hoje pensa-se assim.

A seguir, agora apresento dois outros diálogos que evidenciam uma outra questão recorrente nas relações digitais contemporâneas: a superficialidade e a falta de comprometimento que muitas vezes dominam os aplicativos de encontros. A facilidade de acesso a conexões rápidas e temporárias, mediadas pela tecnologia, podem resultar em uma desconexão emocional e na dificuldade de se estabelecer vínculos afetivos profundos. Isso pode gerar um ciclo de frustração e solidão, onde as expectativas de uma relação significativa são substituídas por interações momentâneas ou até mesmo por relações de poder e violência.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

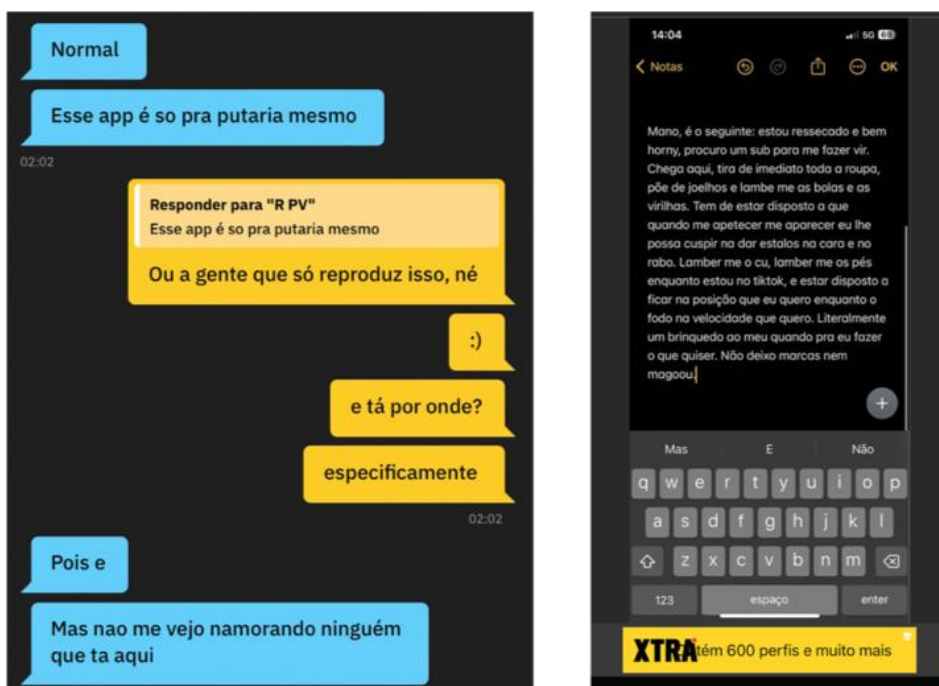


Figura 4 - conversas aplicativos Grindr- conversas entre usuários – segunda imagem, nota de mensagem enviada como primeiro contato (ambas print da tela)

Na primeira imagem, temos um usuário que utiliza a aplicação, mas que não acredita que esse seja um lugar para “namorar alguém à sério”. Na segunda, temos uma mensagem enviada como “apresentação”. Na imagem textual, o usuário indica as suas demandas e qual relação quer ter; dentre as definições:

(...) tem de estar disposto a que quando me apetecer me aparecer eu lhe possa cuspir na (boca) dar estalos na cara e no rabo. Lamber me o cu, lamber me os pés enquanto estou no TikTok, e estar disposto a ficar na posição que eu quero enquanto o fodo na velocidade que quero. Literalmente um brinquedo ao meu quando pra eu fazer o que quiser. Não deixo marcas nem magoou” (trecho retirado da imagem acima).

A mensagem em questão, enviada por um jovem de 19 anos (informação do perfil), evidencia a projeção de práticas de dominação e humilhação no contexto das interações digitais, onde o discurso revela uma erotização do controle e da submissão. Sob uma perspectiva filosófica, tal comportamento pode ser interpretado como um sintoma da digitalização das relações afetivo-sexuais, em que a intimidade é substituída por uma lógica

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

de consumo imediato do prazer, muitas vezes dissociada de qualquer envolvimento emocional ou relacional mais profundo. Pelo menos é isso que estes usuários encontram e reproduzem no Grindr. Mas as violências não se restringem apenas aos perfis dos usuários.

Um dos primeiros e mais populares aplicativos voltados para encontros entre homens gays, bissexuais e curiosos, o aplicativo Grindr foi lançado em 2009. Famoso em muitos países, a sua principal funcionalidade é o uso de geolocalização via GPS, permitindo que usuários localizem outras pessoas próximas em tempo real. O aplicativo é instalado diretamente no *smartphone*, disponível tanto para iOS quanto para Android. Como num *jogo de caça*, a interface exhibe fotos (perfis) na tela para o usuário com base na proximidade geográfica e nos filtros. É possível interagir enviando mensagens de texto, mídias ou apenas dando um “*tap*” — um tipo de pegada digital.

Criar um perfil no Grindr é muito simples. É exigido apenas um e-mail (que pode ser *fake*, não há confirmação); o usuário escolhe um *nickname* (que pode ser fictício), faz *upload* de uma foto para o perfil (que pode ser falsa) e informações básicas (tribos, características físicas, expectativas, posição sexual, saúde). Mas o importante mesmo é escolher as *tags* e fetiches, estas informações criam filtros, ajudando o usuário a encontrar pessoas com as mesmas “demandas sexuais”. É a tecnologia dos algoritmos que ajuda a tornar a experiência melhor e eficaz, de acordo com os seus interesses.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

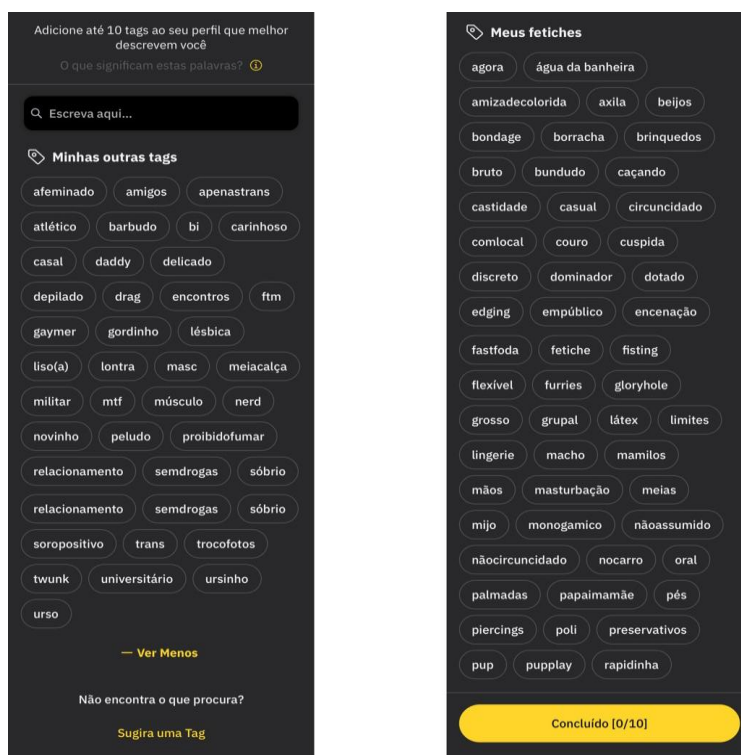
ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A partir da análise dessas informações (*tags* e fetiches) disponibilizados pelo próprio Grindr, é possível observar a reprodução de certos estereótipos e categorias que rotulam os homens de acordo com as suas características físicas, comportamentais e preferências sexuais. Essas classificações que ocupam o “imaginário” das pessoas, frequentemente simplificam ou reforçam identidades baseadas em características como o tipo corporal ("atletico", "gordinho"), idade ("novinho", "twink"), papeis de gênero ("masc", "daddy") e até condições de saúde ("soropositivo"). Existem pessoas que buscam apenas por *twinks* e isso é, no mínimo, preocupante, porque são brechas que pedófilos encontram para praticar crimes. Veja a imagem abaixo:



Muitos desses termos relacionados a fetiches, bem como as *tags*, envolvem práticas
Figura 5 - relação de tags disponíveis na aplicação Grindr para escolha do usuário afim de filtrar seus interesses, além de treinar o algoritmo (print da tela do aplicativo Grindr)

"bondage" e "dominador", trazendo à tona uma possível dimensão de violência ou exploração sexual. A categorização por fetiches em si, como "gloryhole", "rapidinha" ou "pupplay", também reforça uma ótica de objetificação e fragmentação das identidades,

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

muitas vezes colocando o desejo e a prática sexual no centro da interação, em detrimento de outras dimensões de personalidade ou conexão emocional. Estamos falando de adolescentes gays que iniciam a sua vida sexual nessas plataformas porque acreditam que é o único lugar “seguro” numa sociedade machista, misógina e homofóbica para encontrarem parceiros no anonimato e satisfazerem seus desejos ao saciar as suas pulsões.

Como expliquei acima, não há nenhum tipo de confirmação de inscrição por parte da plataforma, portanto é possível se cadastrar no aplicativo com um e-mail falso, o que facilita o anonimato, possibilitando a interação com outros usuários sem a necessidade de revelar muitos dados pessoais. Esse formato tornando-se muito atrativo para aqueles que buscam discrição, mas também perigoso, tendo em vista que qualquer adolescente consegue acender a aplicação sem que haja nenhum tipo de confirmação efetiva de sua maior idade. Além disso, essa segmentação não apenas classifica, mas também reforça a performatividade esperada nos encontros, promovendo uma leitura que restringe o indivíduo a categorias prontas e a estereótipos sociais e sexuais, possivelmente limitando a expressão mais fluida e completa de suas identidades, silenciando possibilidades mais amplas de relações e afetos dentro da comunidade LGBTQIAP+.

Em 2024, o aplicativo Grindr foi acusado, no Reino Unido, de violações à legislação de proteção de dados, ao permitir o uso indevido de fotos e vídeos de usuários em plataformas de conteúdo adulto sem o devido consentimento³. Além disso, informações confidenciais, como o status sorológico (HIV) de seus utilizadores, foram compartilhadas com terceiros para fins comerciais. O caso gerou intensos debates sobre privacidade digital e a segurança das informações pessoais, expondo fragilidades na governança de dados da plataforma. Tais práticas evidenciam um tratamento negligente e mercantilizado dos dados sensíveis dos usuários, inserindo o Grindr em um ecossistema digital que se beneficia da

³ Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/grindr-e-processado-no-reino-unido-por-suposta-violacao-de-protecao-de-dados/> >

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

vulnerabilidade informacional de sujeitos que, muitas vezes, buscam justamente nesses espaços algum grau de anonimato e proteção.

Na era de influenciadores digitais, a nossa sociedade contemporânea está profundamente sexualizada, o que impacta diretamente a infância e a formação das crianças. Desde cedo, as crianças são expostas a normas e expectativas adultas, perdendo gradualmente o espaço lúdico e a inocência associada à sua idade. Essa "adultização precoce" é exacerbada pelas tecnologias digitais, as redes sociais e pelo consumo de entretenimento no capitalismo, que comercializa corpos e sexualidades de maneira exacerbada. Conseqüentemente, os jovens, nomeadamente homens gays, enfrentam pressões para conformar-se a padrões de gênero e comportamento sexual impostos, gerando traumas e dificuldades na construção de identidades saudáveis e autênticas.

Essas reflexões nos permitem inferir que as interações no Grindr não apenas facilitam encontros, mas também influenciam a forma como os sujeitos negociam suas identidades sexuais, reproduzem preconceitos e lidam com pressões sociais — sem falar no perigo que esses homens gays estão expostos. Observou-se que a plataforma serve como espaço tanto de expressão quanto de controle, refletindo dinâmicas de poder e exclusão.

8. Considerações Finais: Isso é Apenas o Começo

As relações sociais, familiares, culturais e educacionais desempenham papel central na construção da identidade infantil, incluindo a dimensão da sexualidade. Ao longo desta pesquisa, observou-se que a invisibilização da sexualidade queer na infância, somada à repressão de expressões não hegemônicas de gênero, contribui para a formação de sujeitos fragmentados, emocionalmente vulneráveis e, muitas vezes, expostos a situações de violência simbólica ou material.

As análises desenvolvidas a partir da obra Criança Viada, dos relatos da plataforma Quebrar o Silêncio e da observação etnográfica no Grindr revelam que a sexualidade masculina, sobretudo em contextos homoafetivos, continua a ser fortemente atravessada por

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

normatividades, traumas e hierarquias que reproduzem exclusões dentro da própria comunidade LGBTQIA+. A performatividade de gênero, longe de ser apenas uma expressão individual, mostra-se condicionada por sistemas de poder que se iniciam na infância e se perpetuam em espaços digitais contemporâneos.

Dessa forma, este estudo reitera a urgência de incorporar a educação sexual crítica e inclusiva como parte dos processos pedagógicos formais e informais, com vistas a romper com ciclos de silêncio, repressão e homofobia. Falar sobre sexualidade na infância, de forma ética, responsável e respeitosa, não é uma ameaça à inocência, mas uma estratégia fundamental para promover saúde mental, segurança afetiva e desenvolvimento integral.

Diante disso, entende-se que a formação social do indivíduo-individual, bem como a sua educação enquanto ser civilizado, devem ser firmadas seguindo preceitos que respeitem todos os direitos humanos estabelecidos e adquiridos durante anos de luta. E não apenas isso, mas de acordo também com as suas demandas (pulsões sexuais), respeitando a sua identidade de gênero, o seu corpo e a sua existência enquanto indivíduo único cultural.

Por isso, toda construção social de determinações deve ser abolida. Não existe caminho para ser homem ou mulher. As pessoas seguem como elas se identificam, como acham que se sentem bem e felizes. A mudança social vem da base. E esse é um papel que deve ser promovido entre ações desempenhadas pela escola e famílias — vizinhos, amigos, adultos —, todos apoiados por políticas públicas. É preciso se apoderar de nossos direitos e deveres para se unir a engrenagem que faz o mundo “girar”. Não existe modelo de sociedade ideal onde pessoas são impedidas de existir. E este estudo busca contribuir para a compreensão das interseções entre sexualidades, tecnologia e infâncias no contexto contemporâneo.

Por fim, compreende-se que a superação das violências simbólicas e estruturais que marcam a vivência de pessoas LGBTQIA+ desde a infância depende de ações intersetoriais — envolvendo família, escola, políticas públicas e espaços culturais. O reconhecimento da diversidade sexual e de gênero como parte da condição humana é um passo indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, plural e acolhedora.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Ícaro. **Criança Viada**. Curitiba: Viseu, 2021.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

LEVIN, Esteban. **A infância em cena – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendencies**. Durham: Duke University Press, 1993.

PIAGET, J. **A construção do real na criança (Á. Cabral, Trad.)**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. (Trabalho original publicado em 1937).

PIAGET, J. **O juízo moral na criança (E. Lenardon, Trad.)** São Paulo: Summus, 1984 (Trabalho original publicado em 1932).

FREUD, Sigmund. **Teoria da Sexualidade, ‘O caso Dora’ e outros textos**. 7 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16 : O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) / tradução Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.**

FREUD, Sigmund, **O Mal-Estar na Civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999. (Título original: *The Disappearance of Childhood*, 1982).

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

COSTA, David Nogueira da. **Conteúdo Adulto e Masculinidades em Rede: Um estudo sobre os perfis +18 do Twitter**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SENTIEIRO, Maria Leonor de Oliveira Martins Mendes. **Abuso sexual em homens e as relações interpessoais: Estudos de casos**. Disponível em: < <https://repositorio.ul.pt> > (acessado em 12 de agosto de 2024).

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. *Tecendo os fios da infância*. In: ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010. p. 47–77. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3w9mk>. Acesso em: 15 maio 2025.

Gomes, A. M. B. C., & Volich, R. M. S. (2017). **Psicanálise, sexo e gênero: por uma desconstrução necessária**. *Estudos de Psicanálise*, 47(2), 159-170. Disponível em: [PePSIC](#).

WEB-REFERÊNCIAS:

BALTHAZAR, Gregory da Silva. **Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar**. Educar em Revista, Curitiba, v. 36, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/X8h4tk9PtNSydMDst83sHch/?lang=pt> (Acesso em: 25 set. 2024).

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Como o “criança viada” virou militância, motivo de histeria reacionária e um crime: disponível em < <https://iranjgiusti.medium.com/como-o-crianca-viada-virou-militancia-motivo-de-histeria-reacionaria-e-um-crime-e97b50a12f8b>> (acessado em 25 de setembro de 2025)

Crianças fora do paraíso: o pensamento mágico como estética de resistência queer na literatura para adultos, Festival Mix Literário: disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CrESJh0FOGM>> (acessado em 20 de setembro de 2024).

'Criança Viada' rompe tabus sobre infância, na contramão das fake News, Jornal Folha de São Paulo: disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/06/crianca-viada-rompe-tabus-sobre-infancia-na-contramao-das-fake-news.shtml>> (acessado no dia 17 de setembro de 2024)

Grindr é processado no Reino Unido por suposta violação de proteção de dados, CNN Brasil: disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/grindr-e-processado-no-reino-unido-por-suposta-violacao-de-protecao-de-dados/>> (acessado em 26 de setembro de 2024).

Suruba de dados: o troca-troca sem consentimento dos Apps de encontros, Chupados – projeto de multimídia: disponível em < <https://chupadados.codingrights.org/suruba-de-dados/>> (acessado em 25 de setembro de 2024).

“Ainda é um tabu.” Denúncias de homens vítimas de abuso sexual aumentam em 2023, Diário de Notícias: disponível em < <https://www.dn.pt/3346852209/ainda-e-um-tabu-denuncias-de-homens-vitimas-de-abuso-sexual-aumentam-em-2023/>> (acessado em 15 de setembro de 2024).

Quebrar o Silêncio, Associação Portuguesa que presta apoio especializado a homens e rapazes sobreviventes de violência e abuso sexual: disponível em < <https://www.quebrarosilencio.pt>> (acessado em 15 de setembro de 2024).

Terá Sido Abuso? Guia para homens que têm sexo com homens, Cartilha Impresa – Quebrando o Silêncio, 2022.

Mais de 120 homens denunciaram terem sido abusados sexualmente em 2023, TVI Player. Disponível em < <https://tviplayer.iol.pt/programa/tvijornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/65a938310cf265bc9692b700>>

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Memórias de Infância, Jornal O Povo, 15 de junho de 2021. Documento digitalizado em https://bf986fcb-7b03-4448-a8bb-2017b5604fc7.filesusr.com/ugd/76d616_b46794f10b31498599c0f3a5a1359c08.pdf (acessado em 13 de agosto de 2024)

Tiago foi vítima de abuso sexual durante 12 anos. "Tomei consciência de que não era normal no dia em que ele me masturbou", CNN Portugal. Disponível em <<https://cnnportugal.iol.pt/abuso-sexual/homem/tiago-foi-vitima-de-abuso-sexual-durante-12-anos-tomei-consciencia-de-que-nao-era-normal-no-dia-em-que-ele-me-masturbou/20240118/65a151d2d34e65afa2f99782>> (acessado em 24 de agosto de 2024)

Homens e meninos também sofrem abuso sexual. Eles estão aprendendo a pedir ajuda, Jornal El País Brasil. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-23/homens-e-meninos-tambem-sofrem-abuso-sexual-eles-estao-aprendendo-a-pedir-ajuda.html>> (acessado em 13 de julho de 2024)

Depoimento Carlos Jorge | Vítima de Abuso Sexual, Canal YouTube Ministério Público do Alagoas, Brasil. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ifRbDrwKUFY>> (acessado em 27 de setembro de 2024)

CILLO, Renan de (Direção). **QUEER-BOMB. Bicha-bomba**. Brasil, 2019. Curta-metragem. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-ZRcgkU_Ktk> (acessado em 10 de agosto de 2024)

DHONT, Lukas (Direção). **Close**. Bélgica, França, Países Baixos: Menuet Producties, 2022. Filme.

Entre a infância e o desejo: Sexualidade, violências e identidades nas relações digitais de homens gays

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 30 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de janeiro de 2026